



## A AQUISIÇÃO DA ESCRITA: UMA ANÁLISE A PARTIR DE TEXTOS DE ALUNOS NA FASE DA ALFABETIZAÇÃO

Euzilene Inácio SANTANA (UNEMAT)<sup>1</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa tem como objetivo analisar a escrita em diversos contextos, mais especificamente evidenciar os episódios de (re)escrita a partir das marcas encontradas nos textos. A experiência foi realizada na escola do município de Curvelândia, com crianças de seis a oito anos de idade em classes de 1º a 4º ano. Assumindo como pressuposto básico da pesquisa, refletir sobre como se dá esse processo de aquisição, o qual tem seu marco no primeiro contato da criança com a escola, entretanto perdura por vários anos, pois a escrita se faz presente em todo o processo educacional, sendo um espaço importantíssimo na articulação da linguagem e na formação de sujeitos criticamente letrados, foi adotado como embasamento teórico autores como, Abaurre (1997), Fiad (1997), Sabinson (1997) e Smolka (2001).

**Palavras-chave:** Escrita infantil. Reescrita. Aquisição da escrita.

**Abstract:** This research aims to analyze the writing in various contexts, more specifically highlight episodes of (re) writing from the brands founded in the texts. The experiment was conducted in one school of Curvelândia-MT, with children aged six to eight years old in classes from 1st to 4th year. Assuming the basic presupposition of the research, reflect on how this process takes place acquisition, which made its mark on the child's first contact with the school, but lasts for several years, because the writing is present in the entire educational process, and an important space in the articulation of language and the formation of critically literate subjects, was adopted as a theoretical basis as authors, Abaurre (1997), Fiad (1997), Sabinson (1997) and Smolka (2001).

**Keywords:** Children's Writing. Rewritten. Writing acquisition.

### 1. Introdução

Este estudo tem como objetivo investigar acerca dos fatores que intervêm no processo de desenvolvimento da língua escrita nas crianças na fase da pré-escola no período de alfabetização.

As questões norteadoras dessa pesquisa estão relacionadas com as seguintes problemáticas: Quais as dificuldades encontradas na hora da produção textual? Reescrevendo: o que muda? Como interpretar esses episódios de reelaboração que ficam registrados nas primeiras escritas infantis?

Serão analisadas seis escritas de 6 crianças entre 6 a 8 anos de idade do primeiro ao quarto ano, já que são nas séries iniciais que se dá os primeiros passos para a formação do leitor/escritor que estão nesse cotidiano de interação com a escrita.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Cáceres-MT/Brasil. [euzileneinacio@gmail.com](mailto:euzileneinacio@gmail.com)



As referências teóricas escolhidas para sustentação desse estudo se processaram com embasamento em dados bibliográficos de teóricos como: Smolka (2001), Abaurre (1997), Sabinson (1997) e Fiad (1997).

O trabalho será subdividido em duas partes:

Na primeira parte falaremos sobre o surgimento da escrita focalizando o momento pré-histórico desde quando o ser humano se comunicava através de artes rupestres passando pela origem das escritas pictográficas, ideográficas, hieroglíficas até chegar ao alfabeto. Ainda nesse primeiro capítulo será apresentado sobre a construção da escrita na fase inicial, mostrando a importância da criança ter um acompanhamento diário nesta fase de descobertas, uma vez que será de suma importância ter a presença da família sempre por perto dando um apoio necessário nesse momento crucial na vida da criança.

Na segunda parte serão apresentadas as análises dos dados a partir dos textos coletados em sala de aula produzidos pelas crianças, partindo da visão teórica de autores que analisam a aquisição da escrita, tais como: Smolka (2001), Abaurre, Sabinson e Fiad (1997). E nas considerações finais será apresentado o resultado dos achados da investigação.

## **2. A construção da escrita**

### **2.1 A importância da escrita**

Esta seção tem como objetivo apresentar alguns estudos realizados sobre o surgimento da escrita, a construção da escrita na fase inicial da criança e a importância da mesma em todo o processo de construção do conhecimento e da aprendizagem.

A aquisição da escrita é um momento particular de um processo mais amplo da aquisição da linguagem. São nos primeiros textos que encontramos as ocorrências únicas que para Abaurre (1997) “talvez não voltem a repetir-se jamais”. Abaurre, Fiad e Sabinson (1997) salientam que:

A contemplação da forma escrita da língua faz com que o sujeito passe a refletir sobre a própria linguagem, chegando, muitas vezes, a manipulá-la conscientemente, de uma maneira diferente da maneira pela qual manipula a própria fala. A escrita é, assim, um espaço a mais, importantíssimo, de manifestações da singularidade dos sujeitos. (Abaurre, 1997, p.23)

Sabemos que alfabetizar não é apenas copiar, saber os nomes das letras, decifrar palavras; aprender a ler e escrever é apropriar-se do código linguístico-gráfico e tornar-se de fato, um usuário da leitura e da escrita. Temos que motivar as crianças a pensar sobre a



escrita, sobre o que ela significa e como representa graficamente a linguagem. Devemos analisar cuidadosamente a produção escrita, sobretudo no seu início, para ver o que cada aluno precisa em termos de melhorias. Cada criança tem uma particularidade, a maneira que uma tem muita facilidade de aprender, a outra tem mais dificuldade, e nós professores temos que saber lidar com cada situação.

É preciso explicar o que é a escrita, as maneiras possíveis de escrever, a arbitrariedade dos símbolos, a convencionalidade que permite a decifração, as relações variáveis entre letras e sons que permitem a leitura, a categorização dos símbolos no sistema de escrita da língua portuguesa e a escrita como representação da fala no seu sentido mais amplo. A leitura e escrita são instrumentos básicos para o ingresso e a participação na sociedade letrada em que vivemos, são ferramentas para a compreensão da mesma, é a chave da apropriação dos saberes já conquistados pela humanidade. Por meio da alfabetização o ser humano se torna global, isto é, um cidadão capaz de dominar os símbolos da comunicação escrita.

A escrita da criança não resulta de simples cópia de um modelo externo, mas é um processo de construção pessoal. Emilia Ferreiro (1991) evidencia que de fato, as crianças reinventam a escrita, no sentido de que inicialmente precisam compreender seu processo de construção e suas normas de produção. A leitura e a escrita são, pois, habilidades a serem adquiridas; não nascemos leitores. O processo de aquisição da linguagem compreende duas operações fundamentais: a decodificação e a compreensão. A decodificação é a capacidade que temos como escritores ou leitores ou aprendizes de uma língua para identificarmos um signo gráfico por um nome ou por som da fala, denominado, fonema. Uma criança pode reconhecer as letras do alfabeto de sua língua materna, mas se não souber os fonemas da fala, representados pelos signos gráficos, não vai conseguir ler um texto.

## 2.2. O surgimento da escrita

Pensando sobre o fato de a criança começar a escrever na infância, remeteu-me a pensar como foi a primeira infância da humanidade em relação à sua comunicação e aos códigos de escrita, e por este motivo fui pesquisar a história da escrita na humanidade. Porém, não pretendo detalhar os fatos históricos da escrita e, sim o de apresentar alguns fatores relevantes que servirão como apoio para compreensão do processo de construção da escrita.



Segundo os estudos realizados por Tfouni (2002), a importante necessidade de registrar os acontecimentos existe desde a Pré-História a partir do momento em que o ser humano se comunicava através de desenhos. As artes rupestres registraram as experiências humanas de nossos antepassados. Esta forma de representação era chamada de pictográfica, um tipo de representação e escrita bem simplificada e que podia ser vista nas paredes no interior das cavernas. Tfouni (2002, p.10) explica:

Historicamente, a escrita data de cerca de 5.000 anos a.c. O processo de difusão e adoção dos sistemas escritos pelas sociedades antigas, no entanto, foi lento e sujeito, é obvio, a fatores político-econômicos. O mesmo se pode dizer sobre os tipos de códigos escritos criados pelo homem: pictográficos, ideográficos ou fonéticos, todos eles, quer simbolizem diretamente os referentes concretos, que “representem” o “pensamento” ou “idéia” ou ainda os sons da fala, não são produtos neutros; são antes resultado das relações de poder e dominação que existem em toda sociedade.

E após a escrita pictográfica, surgiu a escrita ideográfica, em que as pessoas já não se comunicavam através de rabiscos ou figuras, mas sim de uma imagem ou figura que representasse uma ideia. Os leitores precisariam de um contexto e um senso comum para que pudessem entender o que se queria repassar e uma das escritas ideográficas mais conhecidas são os hieróglifos egípcios.

De acordo com Tfouni (2002) descobertas sobre a origem da escrita que temos é que ela foi elaborada e criada na antiga Mesopotâmia e foi com os sumérios que apareceram os primeiros registros escritos. E foram eles que desenvolveram a escrita Cuneiforme, que era feita em placas de barro, onde cunhavam a escrita.

Na Roma Antiga, o alfabeto continha apenas letras maiúsculas, porém com a utilização do pergaminho para registrar a escrita, as letras sofreram modificações, passando assim a denominar escrita uncial. Para conseguir escrever no pergaminho, os romanos precisavam utilizar haste de bambu, penas de patos e de outras aves. Esse tipo de escrita foi utilizada para fazer a escrita da Bíblia, por se tratar de uma escrita bonita.

O tipo de escrita romana durou até por volta do século VIII, quando na Alta Idade Média, um monge inglês, chamado Alcuíno, criou um novo tipo de alfabeto, a pedido do imperador Carlos Magno, este novo alfabeto possuía letras maiúsculas e minúsculas, assim como o alfabeto que conhecemos hoje. Porém com o passar do tempo este tipo de escrita foi ficando muito difícil, devido às modificações que sofreu. Com isso, no século XV, alguns eruditos italianos, incomodados com essa escrita complexa, criaram um novo tipo de escrita.



Foi na Fenícia que surgiu o primeiro Alfabeto. Os comerciantes e navegadores fenícios já tinham uma administração municipal bastante desenvolvida, por isso comerciavam com os povos do mediterrâneo e por esse motivo sentiram a necessidade muito grande de fazer uso intenso da escrita. Em Lataquié, na Síria, foram encontrados gravados em tijolos sinais que se repetiam 22 vezes, dando origem ao primeiro alfabeto. Posteriormente esta escrita foi adotada pelos povos vizinhos, como os gregos e depois os latinos. Porém cada povo codificou de maneira diferente os sons da sua língua para os reproduzir, o que podemos constatar nos dias de hoje.

A fase alfabética se caracteriza pelo uso de letras, as quais, embora tenham se originado nos ideogramas, perderam o valor ideográfico e assumiram uma nova função de escrita: a representação puramente fonográfica. O ideograma, por sua vez, perdeu seu valor pictórico e passou a ser simplesmente uma representação fonética.

### **2.3. A construção da escrita na fase inicial da criança**

Não pretendemos, neste trabalho, detalhar o processo de construção da escrita, pela criança em fase inicial de aprendizado e sim, o de apresentar alguns estudos realizados nessa perspectiva, com o propósito de compreender esse processo, a partir desses estudos feitos por autores como Abaurre (1997) Fiad (1997) Sabinson (1997) e Smolka (2001) em torno da aquisição da escrita.

Mesmo antes de entrar na vida escolar, a criança já tem consigo uma vasta aprendizagem a partir de suas próprias ações, à medida que busca soluções para resolver situações do cotidiano. A criança por si própria traz uma bagagem de noções informais adquiridas em sua vivência com a família, e nessa fase é essencial ter um acompanhamento diário nestas descobertas.

Para Vygotsky (1984), o ensino tem que ser organizado de forma que a leitura e a escrita se tornem necessárias às crianças. A escrita deve ser relevante à vida, deve ter significado para as crianças, deve ser incorporada a uma tarefa necessária e relevante para a vida para que se desenvolva como uma forma nova e complexa de linguagem.

De início, a criança não faz uma diferenciação clara entre o sistema de representação do desenho (pictográfico) e o da escrita (alfabético). Pesquisas realizadas por Ferreiro (1999) mostram-nos que a criança aprende a ler e a escrever porque é desafiada a confrontar suas



hipóteses sobre leitura e escrita com outras possibilidades convencionais que serão oferecidas pelo professor.

Segundo Ferreiro (1999), a criança faz relação do nome com o objeto, achando que coisas grandes têm nomes grandes e coisas pequenas têm nomes pequenos, por exemplo, isso são características pré-silábicas. Ao começar dar conta das características formais da escrita, ela constrói então suas hipóteses que vão acompanhá-la por algum tempo durante o processo da alfabetização.

Estudos Behavioristas nos mostram que o comportamento é a resposta dada ao estímulo nas séries iniciais. As trocas funcionam como uma recompensa, uma gratificação aos estímulos do professor. A criança entende que quando é gratificada pelo que fez ela tende a ficar mais motivada a responder aos estímulos feitos. Para Skinner *apud* Finger (2008 p.24) “o reforço, pode ser qualquer evento que aumenta a frequência de uma reação precedente”. Um reforço pode ser uma recompensa, pode ser um elogio, uma atenção ou até mesmo pode ser uma atividade, como poder brincar no pátio depois das atividades feitas, ou ganhar um doce depois de comer toda a comida. O professor tem o papel de “estimular” a criança a desenvolver suas atividades, fazendo com que elas se interessem e se entusiasmem com a prática do aprendizado. Esse processo deve acontecer espontaneamente e de uma forma prazerosa porque é nessa fase que a leitura e a escrita são inseridas para sempre na vida da criança tornando-a uma futura cidadã.

A aprendizagem de uma criança acontece através do convívio, da interação com outras pessoas adultas e outras crianças, que desde o nascimento ainda bebê, ela vai construindo seu modo de agir, de pensar, de sentir e aos poucos vai adquirindo sua visão de mundo. Logo vem a vida estudantil, as fases da alfabetização e com o passar do tempo a criança vai adquirindo uma identidade própria, seus conhecimentos e suas descobertas, enfim, a criança vai se inserindo no mundo até se tornar um cidadão letrado.

Ferreiro (1999, p.47) afirma que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega. Mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola e que não termina ao finalizar a escola primária”. O professor precisa ter essa ideia em mente para que seu trabalho seja cada vez mais condizente com a realidade e com as possibilidades de seus alunos.

Paulo Freire (1983) diz que, “ensinar não é transmitir conhecimentos, mas criar possibilidades para sua própria produção ou sua construção”. O professor deve ter propostas claras sobre o que, quando e como ensinar e avaliar, a fim de possibilitar o planejamento de atividades de ensino para a aprendizagem de maneira adequada e coerente com seus objetivos.



É a partir destas determinações que o professor elabora a programação diária de sala de aula e organiza sua intervenção de maneira a propor situações de aprendizagem ajustadas às capacidades cognitivas dos alunos.

Diante da quantidade de informações e da facilidade de acesso a informações o professor deve conduzir o aluno de forma que o aprendizado possa ser mútuo. O professor deve transmitir os ensinamentos de forma que o aluno se sinta dentro de uma atual realidade que dessa forma possa assegurar a produtividade do ensinamento.

O processo de aquisição da escrita é uma fase cautelosa e contínua na vida da criança, visto que esse processo estará presente não só na fase inicial e sim em todo decorrer de sua vida escolar. Muito ouvimos sobre esse assunto que a criança escreve como fala. Abaurre (1997) nos alerta para o fato de que:

É comum ouvir-se a afirmação de que a criança “escreve como fala”, nesse primeiro momento de contacto com a escrita. Em que medida tal afirmação pode ser considerada válida? O vasto material que temos tido a oportunidade de examinar (amostra significativa da produção escrita espontânea de criança em fase de alfabetização de várias regiões e diferentes classes sociais), nos leva a crer que essa é uma afirmação ingênua e equivocada. (P.136).

Para Abaurre (1997), “em centenas de textos examinados de escritas espontâneas de crianças, nunca houve um achado que levasse a essa afirmação de que a criança escreve como fala”. O fato é que a criança ainda não tem um histórico de leitura, e de acordo com o grau de estudo as suas escritas vão tomando forma, e quanto maior for seu contato com as atividades de leitura, mais atentas elas estarão com os aspectos da escrita.

A concepção acerca do papel social da escrita na vida do cidadão, a qual a alfabetização é entendida como um processo de apropriação do conhecimento da língua escrita, vai gradativamente se ampliando, oportunizando a esses alunos novas formas de ler o mundo e representá-lo, ou seja, adquirir e se apropriar do código escrito como um dos mais importantes instrumentos que lhe permitirá interagir com o mundo.

Esse processo não se limita apenas ao reconhecimento e a utilização dos símbolos como simples tarefa de codificação e decodificação, mas também de fazer dessa aprendizagem um instrumento com o qual esse aluno poderá responder adequadamente demandas sociais da leitura e da escrita, que se denomina letramento.

A escrita possui funções linguísticas que diferem da oralidade, tanto na estrutura como no modo de organização, logo a criança necessita de tempo para internalizar os percursos concernentes à escrita.



Abaurre, Fiad e Sabinson (1997, p.22) afirmam que “a aquisição da escrita é um momento particular” em que o “sujeito reconstrói a história de sua relação com a linguagem. É exemplar, nesse sentido, a flagrante diversidade manifesta nos textos espontâneos”. Logo, é primordial propiciar momentos para que a criança faça construções espontâneas com suas singularidades, a partir das quais ela expõe a sua compreensão da escrita.

É muito frequente, portanto, depararmos, dentre os dados de aquisição, aquelas ocorrências únicas que para Abaurre (1997), “em sua singularidade, talvez não voltem a repetir-se jamais”, exatamente por representarem instanciações episódicas e locais de uma relação em construção, entre o sujeito e a linguagem.

### 3. Compreendendo as marcas da escrita

#### 3.1. Percorso Metodológico

Este trabalho tem como propósito investigar o processo de aquisição de escrita de crianças em fase de alfabetização, uma vez que é nesta fase que a criança adquire o contato com a escrita da língua que fala.

O desenvolvimento desta pesquisa foi realizado por meio de apoio bibliográficos de autores da área de aquisição da escrita, que abordam temas que ajudaram-me a compreender o processo de aquisição da escrita da criança, para então, preparar a base teórica e desenvolver a análise dos textos.

Antes de iniciar efetivamente a coleta do *corpus*, foi realizada uma visita ao setor de coordenação da escola de pesquisa. O propósito de tal visita foi o de estabelecer informações sobre o sistema de ensino para crianças e pedir a autorização para acompanhar algumas aulas com esses alunos. Nessa visita foi possível ter um contato maior com os alunos e conheci também o projeto “Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa”<sup>2</sup>. A escola que foi realizada a pesquisa foi fundada em maio de 2003. Hoje a escola conta com 19 professores, 350 alunos distribuídos no período vespertino, matutino e noturno.

Para a coleta de dados, foram realizadas duas visitas na escola campo de pesquisa. Na primeira visita, a professora da sala me recebeu muito bem, deixando-me a vontade para que eu pudesse desenvolver meu trabalho. Expliquei a professora o meu foco de análise, e em

---

<sup>2</sup> O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é um projeto do governo federal, em parceria com estados e municípios, para garantir que crianças até os oito anos de idade saibam escrever, ler e interpretar textos simples e dominar as operações matemáticas básicas..



seguida ela pediu para que os alunos produzissem textos a partir de sugestão dela. Neste dia, foram poucos alunos e percebi a importância de fazer uma segunda coleta.

Na segunda visita apareceu uma quantidade maior de alunos, sendo assim foi possível ter um maior contato com mais crianças, e consegui coletar os textos pretendidos.

Para fazer a análise de textos escritos de crianças nessa fase, foram analisados as escritas de textos de 6 crianças de idade entre 6 a 8 anos do 1º ao 4º ano de uma escola municipal de Curvelândia, e os alunos participantes da pesquisa receberão nomes fictícios para designá-los ao longo da exposição de suas produções.

Os textos produzidos pelas crianças que serviu de base para essa análise foram confeccionados a partir de atividades realizadas em sala de aula, com atividades sugeridas pela professora titular.

### 3.2. Análise dos textos escritos de crianças

Nesta pesquisa, pretendo analisar a escrita de 06 textos de crianças em fase inicial da alfabetização, com o propósito de entender na produção escrita dessas crianças, as marcas da reescrita, os aspectos ortográficos e gramaticais deixadas nos textos que serão analisados.

Algumas indagações fizeram-me nortear para que eu pudesse desenvolver esse trabalho. Quais as dificuldades encontradas na hora da produção textual? O que muda com a refacção? Como interpretar marcas de refacção que ficam registradas nas primeiras escritas?

Partindo dessas inquietações, foi percebida a necessidade de aprofundar nessa busca por informações acerca das escritas textuais da alfabetização. As marcas singulares dos alunos no ato da escrita se configuram como um momento particular, que para Abaurre (1997, p. 22) “esses momentos constituem-se, na sua singularidade, em indícios que estão a nos revelar movimentos espontâneos do sujeito ao longo do seu processo de constituição e da aquisição da linguagem.”

Neste trabalho, proponho analisar seis textos de criança na fase de alfabetização com o objetivo de compreender, na produção escrita, a singularidade presente nas escritas iniciais dessas crianças, procurando mostrar quais foram às marcas deixadas, no momento da produção textual. Após a coleta dos textos, fiz uma leitura minuciosa de cada um e aos poucos fui levantando aspectos interessantes em cada texto que, selecionados, se tornaram como ancoragem para análises dos textos. Tomamos, portanto, esses pontos selecionados como critérios para a análise: A acentuação, não segmentação, ausência de marcas de reescrita no



texto, a dificuldade com os sons nasalizados, repetições em textos infantis, as visíveis marcas de refacção no texto.

### 3.2.1. As marcas de acentuação no texto de Adriano



Figura 1- Texto do aluno Adriano.

Após a professora ter lembrado com a turma a parlenda “Hoje é domingo” ela pediu que os alunos fizessem uma reconstrução da mesma, usando a criatividade de cada um.

Analisando a escrita de Adriano (aluno do 1º ano) à primeira vista foi observada a preocupação da criança para com as correções ortográficas feitas várias vezes no decorrer do texto.

Logo na primeira linha, nota-se que Adriano acentua a letra “E” propondo “Ê” com acento circunflexo. Percebe-se que o aluno sabe da acentuação, mas não sabe distinguir o acento agudo do circunflexo. Como a parlenda se constitui por versos rimados, Adriano tenta chegar mais próximo da letra ensinada pela professora. Na segunda linha escreve e apaga a letra Ê escrita duas vezes; a seguir ele continua tentando escrever a parlenda, mas apaga e escreve a palavra “CAVALO” em cima da palavra “PÉ DE CACHIMBO” que havia apagado antes.

### 3.2.2. Hipossegmentação no texto de Gabi

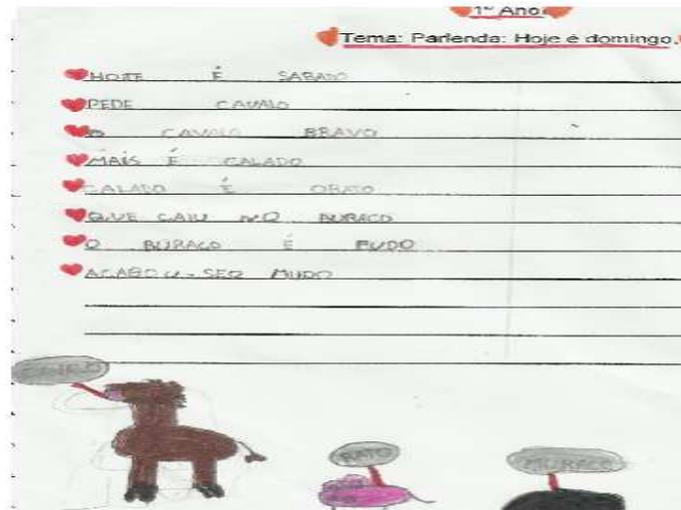


Figura 2-Texto da aluna Gabi.

Um fato bastante frequente na aquisição da escrita é a presença de hipossegmentação nos textos infantis. Para Barbosa (2013)

Trata-se da falta de espaço entre fronteiras vocabulares. Isso normalmente ocorre com os falantes da nossa língua, sejam alfabetizados ou não, pois, recebendo a cadeia da fala como um contínuo, nela produzem cortes que não coincidem com as unidades reconhecidas pelo adulto alfabetizado a falta de espaço entre as palavras. (P.104)

Observando com atenção, veremos que em dois momentos a criança não faz a separação em: *orato / acabou-seo*.

Neste texto seguindo a linha de parlenda que foi dada como atividade em nesta sala, é notória a preocupação de Gabi (aluna do 1º ano) em fazer a separação das palavras deixando um espaço branco entre elas. O texto é escrito ainda com letra de forma por estar na fase do 1º ano. Gabi se atenta também com as rimas, são notórias as marcas de refacção tentando dar maior ênfase em seu texto.

Na quarta linha a criança apaga a palavra “*bravo*”, escrevendo em seu lugar a “*calado*”. Observando o texto, podemos levantar a hipótese de que essa substituição tenha ocorrido após a releitura da criança em seu texto e deu-se por conta da repetição da palavra “*bravo*”. Na quinta linha do texto Gabi escreve “*orato*”, sempre se atentando com o ritmo da parlenda, na penúltima linha ela escreve “*BORACO*”, apaga e reescreve “*O BURACO É FUDO*” e rimou “*FUDO*” com *MUDO*, nesta escrita revela-se a hipossegmentação em: “*ACABOU-SEO*” e “*ORATO*” que seria “*ACABOU-SE O*” e “*O RATO*”.



Observando as atitudes das crianças frente a seus textos, foi percebido que por motivos únicos elas trabalham nas palavras que mais lhes chamaram atenção de certa forma no texto. Essas observações foram encontradas no texto de Abaurre (1997) em estudos sobre a aquisição da escrita e afirma que “esta parece ser, pois, a origem frequente das ocorrências singulares, que tanto podem revelar sobre a relação dos sujeitos com a linguagem e os contextos específicos em que se manifesta”. (P. 31)

### 3.2.3. A aparente despreocupação de Mel com a escrita

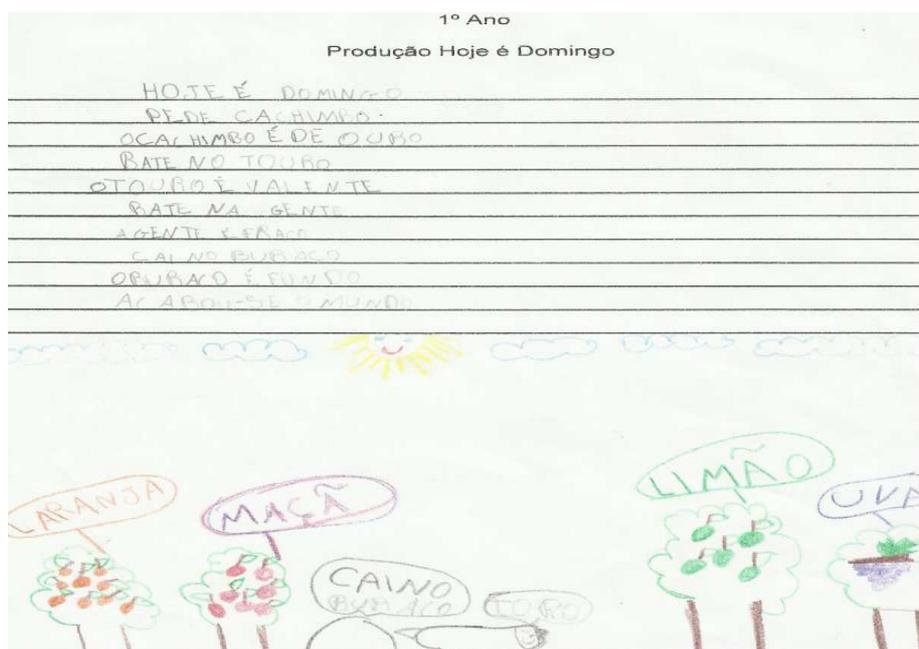


Figura 3. Texto de Mel.

No texto seguinte nota-se a aparente despreocupação de Mel (aluna do 1º ano) para com sua reconstrução da parlenda. Este caso parece retratar episódios de escritas que não trazem marcas de reescrita e de rasuras. É notório que a criança tenha escrito seu texto “de um fôlego só”, sem preocupação com eventuais inadequações.

Abaurre (1997) aponta que mesmo em caso como este, é possível imaginar que a criança, em alguns momentos, pode ter “parado para pensar” antes de continuar a escrever seu texto.

Essas pausas não são, obviamente, observáveis a partir do exame do produto final, em que a criança parece não ter sido, em momento algum, “refeita” ou “corrigida” pela criança. No entanto, a identificação desses momentos de reflexão e tomada de decisões pela criança, que resultam em pausas na produção de um texto, podem – devem – ser observados no momento em que a criança coloca sua escrita no papel. (P.63)

O fato de a criança não fazer as correções adequadas, nem sempre significa que ela não releu suas escritas. Vale lembrar que a criança podem não perceber essas inadequações nos textos.

### 3.2.4. A dificuldade de Karol com os sons nasalizados

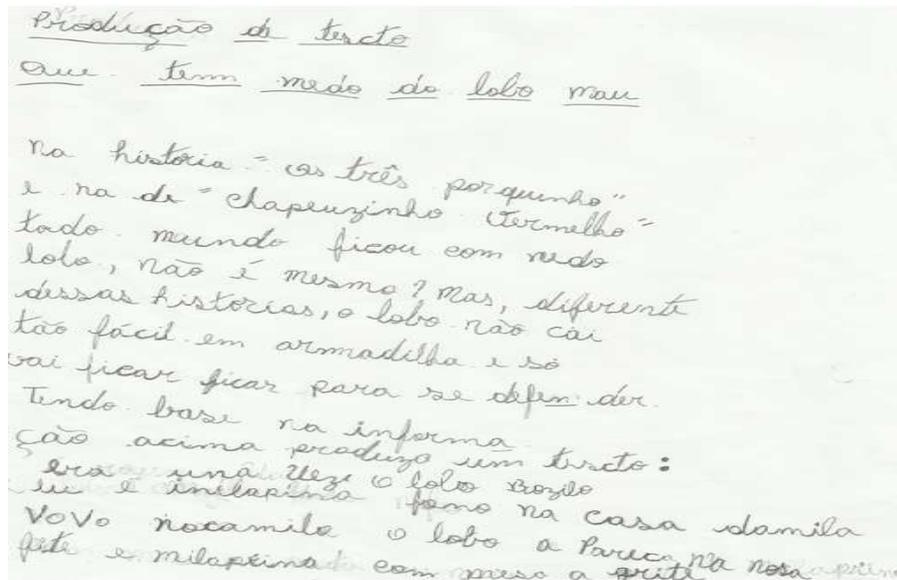


Figura 4. Texto de Karol.

O texto escrito por Karol (aluna do 4º ano) foi uma resposta à solicitação da professora para que os alunos fizessem uma reconstrução da história infantil “Chapeuzinho vermelho e os três porquinhos”. A professora passa na lousa um cabeçalho e pede que os alunos dêem continuidade reconstruindo a história. É bastante visível no texto a diferença de escrita do momento que a criança copia da lousa para o momento que ela constrói sozinha seu texto. É possível observar as marcas de refacção que, a primeira vista, denotam-se uma “autocorreção”, ao mesmo tempo uma reestruturação textual. É bastante visível o trabalho de reelaboração nas suas várias tentativas de dar início a história. No primeiro momento ela escreveu: “eraumavez.” tudo junto e com letra minúscula, apaga e reescreve separado, mas ainda com letra minúscula e troca o M pelo N ficando “era uma veze” ocorrendo assim uma despreocupação ortográfica.

O texto mostra a preocupação da criança com a escrita, pois parece perceber que a escrita é diferente, porém, sente dificuldades com o som nasalizado quando ocorre o emprego do NH ou LH. Na palavra bonzinho ela escreve “bozilo”, da minha escreve “damila”, no



caminho escreve “*nocamilo*”, minha prima escreve “*milaprina*”. No decorrer da escrita nota-se que a criança apagou várias vezes algumas palavras tentando escrever corretamente.

É notório também no texto de Karol a ocorrência de hipossegmentação e hipersegmentação. Sobre a hipersegmentação Barbosa (2013, P.104, *apud* Abaurre (1988), Ferreira e Pontecorvo (1996), Kato (1986), Nespor e Vogel (1994), entre outros) afirma que, “Essa ocorrência é inserção de um espaço indevido no interior da Palavra”, ou seja, quando o aluno usa a separação em excesso. E hipossegmentação, “trata-se da falta de espaço entre fronteiras vocabulares”, ou seja, quando não há separação da palavra onde deveria. Esses fenômenos, também, podem ser compreendidos como uma possível aproximação da oralidade. Veja as palavras abaixo encontradas no texto de Karol.

<i>com meso</i>	(começou) hipersegmentação
Inilapina	(minha prima) hipossegmentação
damila	( da minha) hipossegmentação
nocamilo	(no caminho) hipossegmentação
a Pareca	(aparece) hipersegmentação
milaprina	(minha prima)hipossegmentação
com meso	(começou) hipersegmentação

Na leitura e nas análises destes textos podemos perceber as variedades de formulações, um modo particular, uma singularidade, uma marca que cada criança deixa em suas escritas.

### 3.2.5. Repetições no texto de Yana

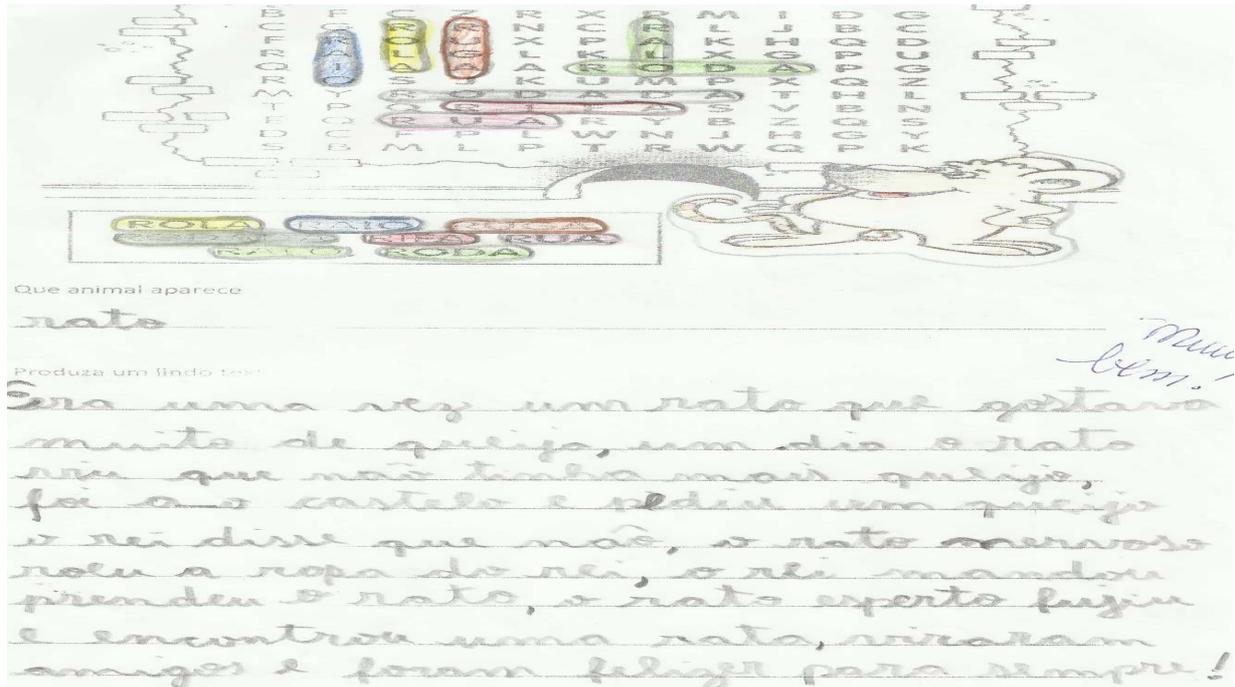


Figura 5. Texto de Yana.

A aluna inicia sua história após ter desenvolvido um caça palavras sugerido pela professora. O texto escrito por Yana (aluna do 2º ano) revela-nos nitidamente o fenômeno da repetição de palavras. As repetições nas escritas infantis são para dar coerência no texto. A aluna usa a repetição para que o leitor não confunda os personagens envolvidos na história. Em algumas situações não há outro termo que substitua a palavra que esta repetida no texto. Um exemplo é a palavra “queijo” que aparece três vezes e “rato” que aparece cinco vezes e muito próxima no texto de Yana. Neste contexto, não teria uma definição adequada que as substituísse.

### 3.2.6. As visíveis marcas de correções no texto de Janaina

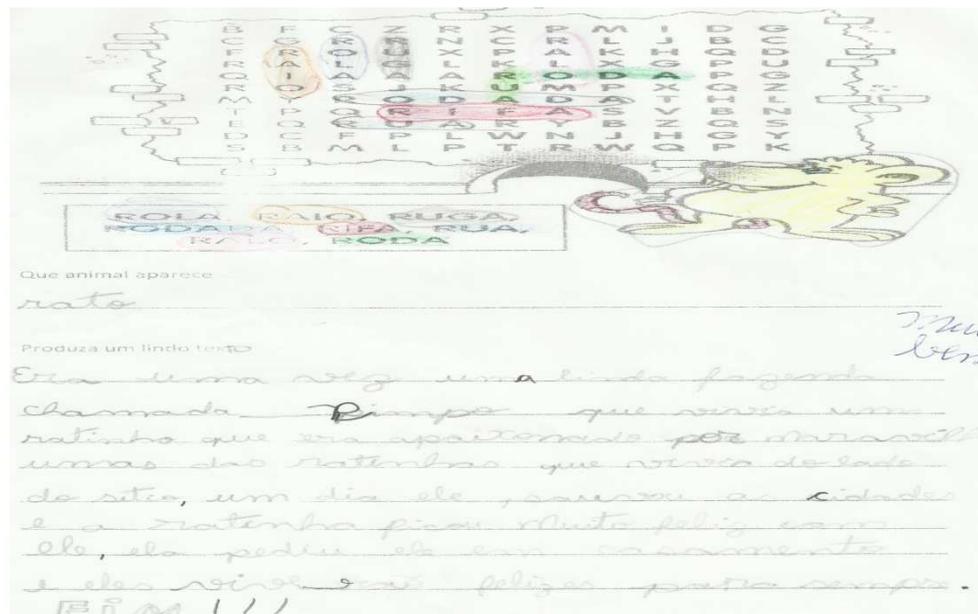


Figura 6. Texto de Janaina

Após ter escrito seu texto, Janaina (aluna do 2º ano) percebe a necessidade de ajustar algumas palavras e pede ajuda da professora, que aponta alguns erros ortográficos. A professora espera que Janaina apague e reescreve, mas para a surpresa a criança apenas acrescenta letras onde está faltando ou faz a letra certa por cima mesmo da que a professora apontou que está errada.

No início do texto ela escreve a palavra “um” e percebe a incoerência na frase acrescentando a letra “a” ficando “uma”, e em “pimpo” que se refere ao nome da fazenda ela percebe que é nome próprio e acrescenta o “P” maiúsculo por cima sem apagar o escrito ficando “Pimpo”. Na palavra “sidades” também apontado pela professora ela acrescenta a letra “c” por cima de “s”. Janaina percebe a necessidade de ajustar a forma verbal, escreve “viven” apaga o “n” e escreve “rão”. A criança faz a necessária modificação para que a concordância com o sujeito seja adequada. Após a professora pedir para que ela relese o que escreveu e verificasse se estava correto, Janaina acrescenta várias vezes a vírgula em diversos espaços no texto, dando assim um melhor entendimento coesivo para o leitor.

As sugestões dadas pelo professor aos alunos no momento da escrita são de suma importância para que a criança aprendiz se atente para possíveis mudanças na hora da sua construção textual. O aluno que se atentar com as sugestões dadas pelo professor no momento da escrita tem a oportunidade de, a partir do que foi sugerido manifestar de forma escrita a compreensão do que já tinha ouvido/visto sobre o que estiver escrevendo. Por isso que, para



compreender o seu contexto social, é necessário estabelecer relações/interação. O processo de alfabetização significativo deve levar em conta a funcionalidade que o texto possui no cotidiano das pessoas.

Para Smolka (2001), as palavras escritas não corretamente, não devem ser consideradas como “erros”, mas como suposições, construções que a criança faz da língua. De forma geral, as escolas não têm considerado a alfabetização como um processo discursivo. Pelo contrário, limita/restringe a escrita da criança, não levam em consideração como um processo discursivo ou construção de conhecimento.

#### 4. Considerações finais

Com estudos apontados cada vez mais para a relevância do contexto social e da busca do significado na construção da escrita, torna-se imprescindível observar como a criança está adquirindo a escrita, bem como encontrar caminhos que possam colaborar para que essa criança construa a sua escrita de forma significativa, prazerosa e funcional. Analisar os episódios da escrita de crianças em fase de alfabetização proporcionou-me a refletir e compreender mais sobre como acontece o processo de aquisição da linguagem escrita.

Convém relatar que após a realização deste trabalho foi possível ter um olhar mais minucioso para com os textos de crianças nessa fase de aquisição. Ter um contato direto com a criança no momento da produção textual, me fez perceber as dificuldades que cada um apresenta em escrevê-los. No entanto, essas dificuldades não me impediram de perceber em suas escritas a singularidade de cada um encontrada nas escritas. Para Abaurre (1997), “a escrita é, assim, um espaço a mais, importantíssimo, de manifestação da singularidade dos sujeitos”.

O intuito deste trabalho foi perceber as importâncias das marcas deixadas pelos sujeitos, nos textos produzidos, para a compreensão de aspectos cruciais do processo de aquisição da linguagem escrita. Foi percebido, também, o trabalho que os sujeitos realizam com a linguagem escrita, discutindo-se mais especificamente, os episódios de reescrita, as preocupações ortográficas e as gramaticais a partir de marcas encontradas nos textos.

#### 5. Referências

ABAURRE, Maria Bernadete Marques. **Cenas de aquisição da escrita: O sujeito e o trabalho com o texto.**/ Raquel Salek Fiad, Maria Laura Trindade Mayrink-Sabinson -



Campinas,SP: Associação de leituras do Brasil (ALB): Ed. Mercado de Letras, 1997. (Coleção leituras no Brasil).

Brasil. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: Ludicidade na sala de aula:** ano 01 unidade 04 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2012.

Barbosa, Maria José Landivar de Figueiredo. **Dos intentos de escrita à escrita convencional: algumas manifestações** / Maria José Landivar de Figueiredo Barbosa. Campinas, SP : [s.n.], 2013. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

FERREIRO, Emília. Reflexões sobre alfabetização. 24 ed., Cortez: São Paulo, 2001.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** - São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1983.

FINGER, Ingrid. Aquisição da linguagem na perspectiva behaviorista. In: FINGER, Ingrid; QUADROS, Ronice Muller de. Teorias de aquisição da linguagem. Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2008.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo** / 10. Ed. - São Paulo, SP: Editora Cortêz; Campinas SP, 2001.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**/ Leda Verdiani. 5. Ed. – São Paulo, Cortez, 2002. – (Coleção Questões da Nossa Época; v.47)

VYGOTSKY, L. S. **A pré-história da linguagem escrita. A formação social da mente.** São Paulo, Martins Fontes, 1984